



"A foto ilustrativa não é de Escoteiros Curitibanos mas sim de Escoteiros Paulistas atuando em São Paulo, na epidemia em 1918 – A Cigarra

OS ESCOTEIROS DE CURITIBA E A PANDEMIA DE 1918

JOÃO ALBERTO BORDIGNON

BOLETIM HISTÓRICO Nº 4 - Maio - 2020

O aparecimento da pandemia do Coronavírus em 2020 fez reavivar a memória da epidemia de gripe de 1918, a famosa Gripe Espanhola. Curitiba também foi afetada como contam vários relatos da época, mas a participação dos escoteiros está esquecida.

Num documento atribuído a Newton Guimarães é relatado que: **“Os jovens escoteiros tiveram grande atuação durante os dias calamitosos por que passou Curitiba. Atendendo ao apelo da Cruz Vermelha os escoteiros e chefes tomaram sobre suas responsabilidades as tarefas de empacotamento de gêneros e das visitas domiciliares.**

O desempenho foi cabal, assim o afirmou a direção da Cruz Vermelha.” (SIC)

A Cruz Vermelha, que tinha sua sede à Rua Barão do Rio Branco, 96, abriu diversos postos para o atendimento dos doentes pobres:

1. 2 postos de atendimento na sede à rua Barão do Rio Branco (com dois médicos Dr. Aluisio França e Dr. Evangelista Espindola, cada um atendendo uma área diferente da cidade);

2. Posto do Batel, à rua do Batel ao encargo da Sra. Maria Augusta Jouve.

3. Hospital na Rua Marechal Floriano, esquina com Sete de Setembro, em prédio cedido pelo proprietário Augusto Loureiro;

O que a Cruz Vermelha, e outras instituições faziam, durante a epidemia, e em que tipo de serviço os escoteiros participaram, pode ser resumido pelo que publicou o jornal “A República” de 19 de novembro de 1918, visualizado durante uma visita a um posto:

“Generos que se recebem, quantidades que se pesam e empacotam, leite que se engarrafa, aves que se cosinham, roupas que se cortam e que se costumam, registros e anotações que se escripturam, chamados medicos que se atendem, receitas que se mandam aviar, mantinimentos que se enviam aos domicílios, tudo isso se observa na marcha normal da obra ali realizada.” (SIC)

Aristóteles Xavier, tenente do Corpo de Bombeiros, na época estudando em São Paulo, escreve para o jornal “A República” uma coluna com passos recomendados contra a “peste”. Nesta coluna ele divide o combate em três partes: Meios preventivos, meios combativos e apoio aos necessitados. Nesta última categoria ele menciona o serviço de estafetas provido pela “Associação dos Escoteiros” e distribuído pelo telégrafo, correios, farmácias, chamada de medicamentos, assistência, **“cumprindo referir que os escoteiros enfermaram em serviço”**. Ele se referia ao trabalho, em São Paulo, da Associação Brasileira de Escoteiros – ABE.

Em Curitiba, em 25 de novembro, o jornal “Diário da Tarde” publicava uma coluna de Gastão Faria elogiando a atuação dos escoteiros paulistas e pergun-

tando o que os escoteiros de Curitiba estavam fazendo para minorar a aflição dos mais pobres devido à pandemia. Em 27 de novembro, o mesmo jornal publica a resposta da Associação Paranaense de Escoteiros – APE, informando o que estava sendo feito:

“Dos 450 escoteiros que constituem a tropa de Curitiba, correspondente a cinco grupos, 250 estão ainda acamados ou convalescentes. Cerca de 150 acham-se ausentes da capital porque se retiraram com suas famílias e dos restantes aqueles cujas idades permitem estão prestando seus serviços à Cruz Vermelha, à cuja disposição são postas diariamente duas patrulhas, que se revezam no posto daquela nobre instituição e nos serviços à domicílio.

Apenas solicitados pela Cruz Vermelha, foram os escoteiros postos ao seu serviço, aliás com o consentimento espontâneo de seus pais que prontamente deram a sua permissão.

Antes não foi possível agirem os Escoteiros, não só pelo grande número deles que caíram enfermos, como porque quase todos os membros do conselho superior enfermaram.”

Deve ser esclarecido, como já observado no Boletim Histórico nº 2 – março 2020, que trata dos exames dos escoteiros, que os **grupos** de então podem ser comparados às **tropas** de hoje. Eles é que eram divididos em patrulhas. Cada grupo (**tropa**) também funcionava num local diferente, conforme os registros da imprensa da época.

Na época os vírus eram desconhecidos, apesar de que hoje se sabe que foi o vírus da influenza que causou a pandemia de 1918-1919. Os cientistas da época acreditavam que a doença era causada pela bactéria Haemophilus influenzae, uma bactéria oportunística que comumente segue as infecções viróticas de influenza. Só em 1933 conseguiu-se provar que a pandemia de 1918-1919 foi causada por um vírus.

Em Curitiba, segundo relatos, o primeiro caso foi detectado na primeira quinzena de outubro de 1918, mas só notificado no dia 20 de outubro (relatório do Dr. Trajano Reis).

ALGUNS TRECHOS DO RELATÓRIO DO DR. TRAJANO REIS

Propuz ao Governo do nosso Estado fazer a defeza do nosso territorio por terra e por mar. Os passageiros vindos por mar de procedencia suspeita, seriam levados para a Ilha das Cobras, onde passariam por uma rigorosa desinfecção, pessoas e cousas e ficariam da observação por uns cinco dias. Os que entrassem por via terrestre seriam submettidos ás mesmas condições da defeza, tanto no Uruguay como no norte do Estado.

Aconselhou-se aos habitantes evitar as reuniões, como perigosas, não usar de gelados, sendo intimados os fabricantes de gelo a não fornecerem o sem pedido médico, com o —Visto— da Directoria Geral do Serviço Sanitário; por edital foram prohibidos os enterros á mão, os acompanhamentos, tratándose de molestia transmissivel, o transporte de doentes em carros de praça sem attestado medico, com o “Visto” da Repartição Sanitaria declarando não se tratar de molestia transmissivel. Officiou-se os Escrivães de Registro de Obitos para não registarem os attestados que não tivessem o —Visto— de qualquer dos medicos do Serviço Sanitario.

Devemos todos nós nos alegrar, porque em nossa terra ninguem morreu de fome, foram todos socorridos com o obulo do Governo e das associações particulares.

No dia em que não houve caixões para serem transportados os cadaveres, mandei-os fabricar e quando faltaram animaes para conduzir os carros funebres, mandei-os alugar pelo preço pedido, para que não ficassem insepultos os infelizes fallecidos. Todas as providencias foram tomadas com promptidão.

No dia 17 de outubro o Dr. Trajano Joaquim dos Reis, Diretor dos Serviços Sanitários, já publicava uma coluna no jornal “A República” com “Conselhos ao Povo”.

Conselhos ao Povo

A influenza ou gripe, agora com o qualificativo de “hespanhola”, desde mui remotos é molestia conhecida.

Como todas as moléstias infectuosas de quando em vez manifesta-se sob a forma de epidemica, mais ou menos intensa, mais ou menos extensa, mais ou menos grave.

As suas toxinas, como tenho dito desde que ella visitou-nos, em 1890 e 1891 epidemicamente, com muita gravidade causam forte acção depressiva no systema nervoso e perturbam todas as funcções organicas.

Depois d’aquellas epidemias, a influenza tornou-se endemica em Curitiba e anualmente ataca a população. É de presumir que agora, commo ella viaja pelo mundo, com suas hostes malfazejas, faça também entre nós as suas demonstrações de força e pode, reforçando os elementos, que aqui possui, com suas legiões novas e frescas.

Para evitar os seus golpes traiçoeiros, invisíveis e damnosos, cumpre que cada um observe os conselhos geraes comuns à todas as moléstias infec-

tuosas.

Se assim o fizerem, evitarão, ou pelo menos suavizarão os seus ataques.

1. Não se comuniquem com os doentes, nem frequentem as casas infectadas;
 2. As pessoas residentes em casas infectadas tenham a caridade, de não frequentar aquelas que o não estão;
 3. Evitem todas as causas de resfriamento;
 4. Não frequentem os locais onde haja aglomeração de pessoas;
- Mantenham rigoroso asseio nas habitações, quintais, etc., fazendo incinerar No dia 17 de outubro o Dr. Trajano Joaquim dos Reis, Diretor dos Serviços Sanitários, já publicava uma coluna no jornal “A República” com “Conselhos ao Povo”.
5. o lixo e extinguindo todos os depósitos de águas estagnadas ou servidas;
 6. Mantenham os aparelhos sanitários bem desinfetados com creolina ou leite de cal;
 7. Isolem os doentes das pessoas da família, desinfetando diariamente todos os aposentos e dependências com creolina ou outro qualquer desinfetante;
 8. Bebam agua filtrada e fervida;
 9. Usem de alimentos leves e bem cosidos;
 10. Não usem fructos verdes, e os maduros lavem bem antes de se servirem d’elles;
 11. Só usem verduras cosidas;
 12. Fervam o leite e o refervam antes de o ingerir;
 13. Evitem os gelados;
 14. Não façam excessos de qualquer natureza;
 15. Fervam as roupas retiradas da cama e do corpo dos doentes;
 16. Desinfetem todas as excreções dos doentes;
 17. Mantenham o mais escrupuloso asseio corporal, lavem a boca, garganta e fossas nasaes com um desinfectante, diversas vezes por dia e principalmente antes das refeições, que nunca devem fazel-as nos aposentos infectados;
 18. Lavem frequentemente as mãos, sobretudo antes de usar qualquer alimento
 19. Façam-se vaccinar e revaccinar contra a varíola: porque se tal vaccina beneficiar contra a influenza, tanto melhor, e, se não produzir effeito, pelo menos, ficará a população preparada para resistir à referida varíola;
 20. Usem do chá de Eucalyptus e de qualquer sal de quinina.

As casas de collectividade devem imediatamente retirar dos seus estabelecimentos qualquer pessoas que adoecer.

Os senhores professores, diretores de colégio devem fazer a mais ativa vigilância para isolar qualquer criança que ficar doente.

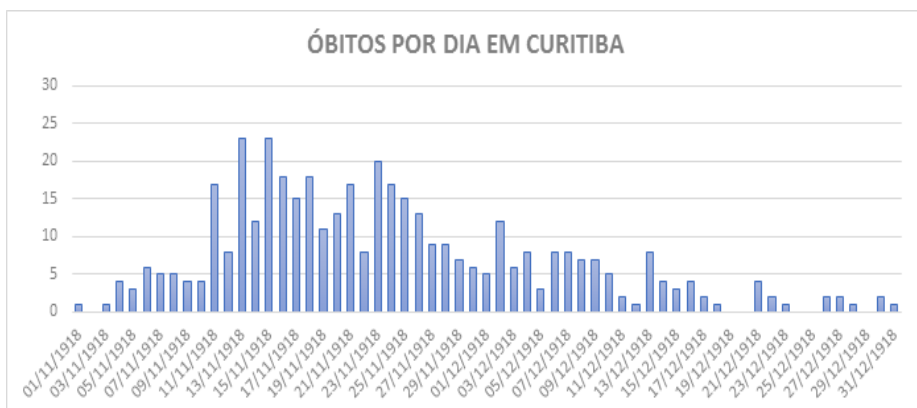
Na Directoria Geral de Serviços Sanitarios se vaccina diariamente.

O Diretor Geral.
Dr. Trajano Joaquim dos Reis

No seu relatório ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Dr. Enéas Marques dos Santos, na época também presidente da Associação Paranaense de Escoteiros, (http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/RelatoriosSecretarios/Ano_1918_MFN_734.pdf - pg 156), o Dr. Trajano Reis apresenta as medidas que foram tomadas pelo governo e as estatísticas da epidemia no Paraná, do qual apresentam-se em seguida alguns outros pontos, com esclarecimentos adicionais:

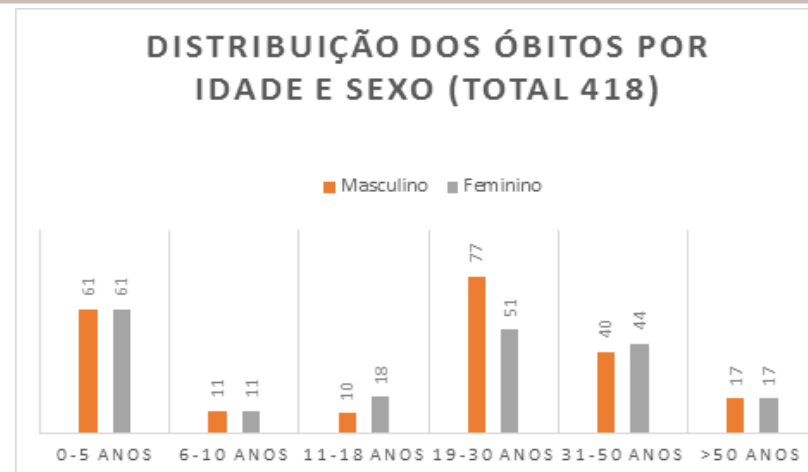
- Total de doentes: 45.249 (cidade, Nova Polônia, Taboão, Portão) numa população apresentada no relatório como de 73.000 habitantes. Portanto 62% de infectados.
- Mortes: 384, portanto 0,85% de mortalidade (sobre o total de infectados).
- Além dos hospitais existentes {Hospital de Caridade (Santa Casa), Hospital do Exército, Hospital da Estrada de Ferro (Cajuru), Hospital da Força Estadual (Polícia Militar)}, foram instalados dois hospitais provisórios: São Roque (aberto a 1 de novembro e fechado a 2 de dezembro de 1918) e da Marechal Floriano (esquina com a rua 7 de setembro; aberto a 1 de novembro e fechado a 14 de dezembro de 1918 e operado pela Cruz Vermelha).
- O primeiro doente veio do Rio de Janeiro, notificado no dia 20 de outubro de 1918, numa residência de um oficial do exército à rua Conselheiro Barradas, 115 (anteriormente rua do Saldanha, depois rua do Serrito e mais tarde renomeada como Carlos Cavalcanti).

Uma pesquisa efetuada nos registros de óbitos dos cartórios de Curitiba, incluindo outras doenças pulmonares, revelou um número um pouco maior de mortes no mesmo período (novembro e dezembro de 1918) do que as 384 informadas no relatório mencionado acima: 420. Esta mesma pesquisa permite revelar a curva do desenvolvimento da doença, baseada no número de óbitos por dia, e o impacto da doença nas diversas faixas etárias, inclusive a de escoteiros.



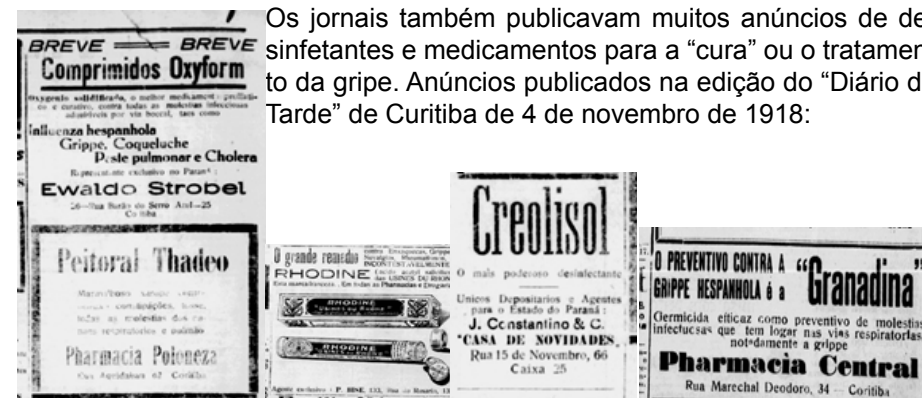
Uma interessante nota foi publicada no jornal “Diário da Tarde”, de Curitiba, em 11 de novembro de 1918, portanto no início da curva de frequência dos óbitos:

E ante-hontem e hontem, esse número já atingiu a 10 por dia, o que daria um total de 70 por semana (referindo-se ao número total de óbitos em Curitiba). Verifica-se porém que esse aumento de mortalidade não se refere exclusivamente à gripe, que tem se mantido em caracter benigno. (SIC)



Enquanto os médicos que trabalhavam sob a orientação do Dr. Trajano Reis usavam os tratamentos alopáticos da época (aspirina, quinina, sulfá), os homeopatas seguidores do Dr. Nilo Cairo sugeriam um tratamento com “hervas” e preparados. O Jornal “Diário da Tarde”, reproduz durante vários dias no mês de novembro de 1918, as extensas recomendações do Dr. Nilo Cairo, que já haviam sido publicadas no seu livro “Tratamento Homeopático da Influenza”, de 1907.

Os jornais também publicavam muitos anúncios de desinfetantes e medicamentos para a “cura” ou o tratamento da gripe. Anúncios publicados na edição do “Diário da Tarde” de Curitiba de 4 de novembro de 1918:



Se você se interessa pela história do escotismo e tem algo a colaborar com o esforço de recuperação da memória do escotismo paranaense, ou conhece alguém que se interessa, escreva para o e-mail historia@escoteirospr.org.br.

Pesquisa e Produção:
João Alberto Bordignon e Ernani Costa Straube

Revisão:
Fernando Gerlach

Escoteiros do Brasil - Região do Paraná
Rua Ermelino de Leão, 492 - São Francisco
CEP 80410-230 - Curitiba - PR
(41) 3323-1031